

AS TRADUÇÕES DE MONTAIGNE

REGINA SALGADO CAMPOS (USP)

As traduções dos **Essais** de Montaigne para o português datam do século XX e correspondem a dois momentos de recuperação desse texto pela intelectualidade francesa. No primeiro, há a tradução de fragmentos e do capítulo do Livro I "Dos Canibais", equivalendo ao Montaigne precursor de Rousseau e inspirador do "bom selvagem". Posteriormente, há a tradução de seleções de trechos de capítulos, a primeira inclusive a partir de escolha francesa, para chegarmos à tradução integral, correspondendo a uma recuperação de Montaigne motivada pela situação política francesa. A necessidade que tem o intelectual francês de posicionar-se politicamente marca o início deste século com o caso Dreyfus e a partir daí toda uma polêmica se estabelece, com tomadas de posição bastante variadas. A perplexidade e o desalento diante da situação européia logo após o fim da Primeira Guerra Mundial vão talvez indicar na direção do posicionamento de um Montaigne que, durante as guerras religiosas de sua época, refugia-se em sua biblioteca e ali, em meio a inscrições de citações de autores antigos, medita sobre sua condição, suas preferências, procurando, através de um maior auto-conhecimento, chegar ao conhecimento do homem em geral. Isto poderia talvez

explicar o interesse despertado pelo autor na França, mas não precisamente no Brasil.

Entretanto, antes disso, já Montaigne é conhecido dos brasileiros que se dedicam às letras, pois é inegável a formação cultural de molde francês de nossa elite. Por outras razões, portanto este autor é conhecido no Brasil por essa elite que fala francês e chega mesmo, na maioria das vezes, a estudar na França. Podemos, pois, chegar à conclusão que, pelo fato de Montaigne ser estudado, comentado e citado na França, ele é conhecido por alguns brasileiros. Vale também observar que até então a necessidade de traduzi-lo ainda não se fez sentir.

Nos anos 20 a situação brasileira começa a mudar, não só por causa dos posicionamentos relativos à dependência cultural e conseqüente valorização das coisas nacionais pelo Modernismo, mas também porque a situação financeira das elites brasileiras nos anos 30, em função de mudanças internas e da crise financeira internacional, acha-se abalada. Não sendo mais possível nem viável a educação dos filhos na Europa e sendo os próprios valores veiculados por essa educação francesa contestados pela situação vigente, parece-nos normal que não se leia mais tão comumente em francês como antes e que surja a necessidade da tradução.

Se partirmos desse aspecto de valorização das coisas nacionais surgido com a Semana de Arte Moderna de 1922, observaremos as duas vertentes que a sucederam e que apontam para um nacionalismo nos moldes dos nacionalismos europeus, frontalmente opostos ao internacionalismo proletário que tantos temores provoca, assim como para uma visão "antropofágica" que vai encontrar justificativa e incentivo nas narrativas dos viajantes europeus por terras brasileiras e especialmente nas referências de Montaigne ao índio brasileiro. Destacadas do contexto dos **Essais**, essas referências, em particular o capítulo sobre os Canibais, desempenham o papel de garantia de que a nossa realidade merece alguma consideração, já que constitui a utopia européia desde os tempos de Américo Vespúcio. O fato de sermos a utopia da Europa até a época de Rousseau, deve ser aval suficiente para um melhor conhecimento da realidade do país e sua conseqüente aceitação em termos de projeto futuro, por parte

dos brasileiros.

Só posteriormente, já nos anos 60, é que Montaigne vai receber uma tradução integral, num momento em que nem na Europa nem no Brasil o autor francês vai ser lembrado como inspirador de soluções novas, adaptadas ao momento histórico vivido e o reaproveitamento dessa tradução integral, a partir dos anos 70, só vai ser feita em âmbito universitário. Entretanto Montaigne continua a merecer o interesse de estudiosos franceses e também brasileiros, sendo recuperado agora por outros meios de divulgação.

Investigando na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e na Municipal de São Paulo, encontramos uma listagem bastante longa das várias edições dos **Essais** de Montaigne, parecendo indicar a preocupação com as edições e suas variantes, assim como o interesse por estudos críticos feitos por diversos autores franceses. Da Biblioteca "Mário de Andrade", por exemplo, constam edições do século XIX e da primeira metade do século XX (até 1948), além de um exemplar de 1659, que pertenceu a Montesquieu.

Quanto às traduções dos **Essais**, a primeira referência que encontramos foi uma publicação da Academia Brasileira de Letras, datada de 1923. Sem que seja indicado o nome do tradutor, inclui em sua terceira parte, intitulada "Trovas indígenas", estrofes recolhidas por Michel de Montaigne" (*Essais, livre premier, chapitre XXI "Des Cannibales"*). Esta parte está subdividida em duas: I) seis versos mais uma nota; II) seis versos mais uma nota. Portanto, trata-se da tradução de parte das duas canções indígenas incluídas no capítulo do autor francês, sendo que, em nota, é feita a paráfrase do trecho em que Montaigne indica as circunstâncias que lhe permitiram ter conhecimento dessas canções. Depois de falar do empregado que havia estado no Rio de Janeiro com Villegagnon, o autor da nota diz: "Por ele soube muito dos costumes dos nossos índios, e com eles tanto simpatizou que o seu capítulo "Os Canibais" é talvez o antecedente de Rousseau, na idealização sociológica de dois séculos depois. Por ele soube também dessas estrofes citadas."¹

A segunda referência é o livro de Câmara Cascudo, **Montaigne e o índio brasileiro**². No Prefácio, datado de 1937, o autor não

aponta traduções do capítulo que ora traduz, o de nº XXX dos **Ensaio**s: "o estudo de Montaigne sobre 'Des Cannibales', tão citado e ainda sem versão em português" (p.7). Quanto à frequência com que é citado, naturalmente Câmara Cascudo deve referir-se a Oswald de Andrade e o Manifesto Antropofágico de 1928, conforme o Prefácio de Benedito Nunes a **Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias**: "Oswald de Andrade tirou do capítulo XXXI dos **Essaio**s de Montaigne a própria idéia da vida primitiva"³. Além do Manifesto, em **Ponta de Lança**, em dois momentos, Oswald refere-se ao capítulo de Montaigne, sendo que em ambos faz uma paráfrase de sua parte final, referente à presença de índios brasileiros em Rouen⁴. O mesmo ocorre em **A marcha das utopias**, de publicação póstuma em 1966⁵.

Vale lembrar também a pouca preocupação do tradutor com maiores precisões quanto à bibliografia: fala do capítulo XXX dos **Ensaio**s no Prefácio assim como no título introdutório à tradução, sem que informe o leitor em nenhum momento a partir de que edição trabalhou nem a que volume pertence o capítulo. Talvez não fosse uma preocupação na época por se tratar de informação óbvia para o leitor.

Tratando-se de uma publicação de 1940, informa-nos Câmara Cascudo, porém, que a tradução desse capítulo fazia parte de um projeto maior, de Ronald de Carvalho, visando comemorar o quarto centenário de nascimento de Montaigne (o que vale dizer 1933), "com uma série de estudos brasileiros". Vemos portanto que não se tratava da tradução integral dos **Ensaio**s necessariamente. E o tradutor continua: "depois não foi possível o 'Dia de Montaigne' no Rio de Janeiro nem no Brasil". Havendo mudança nos rumos do país com a Revolução de 1930 e tratando-se de um projeto anterior a essa data, parece ser este o motivo implícito na "impossibilidade" de realização da comemoração.

Um outro aspecto merece destaque neste Prefácio: é o esclarecimento a uma objeção possível do leitor, referente ao teor da comemoração. Prevendo críticas pelo fato de se tratar de um autor estrangeiro numa época de nacionalismo, nada melhor do que explicitar as intenções do organizador: "A festa não incluía submissão. Certos aspectos da 'cultura' seriam olhados com independência. Era atualizar Montaigne, especialmente tra-

zê-lo para o Brasil, examinando sua influência disfarçada mas sensível no universo democrático da época".

Ao afirmar que Ronald de Carvalho "escreveria sobre **Montaigne e a Revolução Francesa**", que sua intenção "era articular Montaigne a João [sic] Jacques Rousseau, liame visível e perpétuo", podemos talvez evocar o ensaio de Afonso Arinos **O Índio brasileiro e a Revolução Francesa**⁶, "belo livro", ao qual Oswald de Andrade se refere, dizendo que "o escritor estudou, escudado por uma ótima documentação, as influências do nosso selvagem sobre a eclosão do mundo moderno que teve seu ponto alto na Revolução"⁷. Mas, nessa mesma linha de pensamento, nesse Prefácio, Câmara Cascudo faz referência a João Ribeiro, citando-lhe o trecho: "O índio americano, nu, comunista, impróprio, ainda quente da mãe natureza, sugeriu mais tarde o idealismo igualitário de Rousseau". Portanto, essa valorização do índio brasileiro, cujas qualidades são reconhecidas por franceses bem antes de nós, só pode fortalecer o "universo democrático da época", caracterizado pela adoção de posições socializantes por parte de seus homens cultos.

Ainda no Prefácio, Câmara Cascudo justifica a necessidade de divulgação desse estudo de Montaigne sobre os canibais pelas características do autor: além de ser "o avô de Rousseau" já comentado, há o fato de ser "prematuramente um 'americanista'" e o maior entusiasta da vida do indígena brasileiro por ser esta "superior à República de Platão". Embora no início do Prefácio Câmara Cascudo tenha se referido às inúmeras citações feitas a partir desse capítulo, o que deve tê-lo tornado conhecido, afirma no final que tal estudo é "pouco lido" de onde vem sua intenção de vulgarizá-lo, entendendo, parece-nos, por vulgarização o fato de traduzi-lo.

A tradução propriamente dita ocupa 15 páginas, enquanto as notas preenchem 21. São eruditas, precisas e sempre relacionadas ao Brasil. Vale talvez destacar alguns aspectos:

a) as citações latinas são mantidas no original no corpo da tradução e as notas a elas referentes apresentam por vezes a tradução francesa e em seguida a forma brasileira, sendo que em dois casos Cascudo utiliza-se da tradução de Virgílio para o português de Manoel Odorico Mendes;

b) a primeira nota, referente à França Antártica, esclarece o leitor sobre as várias traduções brasileiras já existentes da obra de viajantes europeus. Destacando os franceses, vemos que não é mencionada nenhuma tradução de André Thévet. Quanto a Jean de Léry, aponta duas, com indicação bibliográfica completa, além de apreciações sobre esses trabalhos: - Tristão de Alencar Araripe - Revista do Instituto Histórico Brasileiro, tomo LII, parte II, p.115, Rio de Janeiro, 1889, e - Monteiro Lobato, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1926. Observe-se que a tradução que ainda hoje é republicada não consta desta lista pois é posterior à redação da nota: é de 1941;

c) nas notas que contêm informações referentes aos costumes dos indígenas brasileiros, Cascudo compara aquelas transmitidas por Montaigne com as dos viajantes, com respectiva bibliografia detalhada.

A terceira tradução tem duas edições: a primeira é de José Pérez e a outra de Sérgio Milliet. Ambas partem da seleção de textos dos **Ensaio**s feita por André Gide em 1929, a pedido de um editor americano, conforme consta do **Journal** e de nota ao Prefácio desse volume. Incluída na coleção Biblioteca do Pensamento vivo, "lançada simultaneamente em 15 países", como consta da "orelha" da primeira edição, propõe-se a ser "a síntese magnífica do 'pensamento vivo' dos homens que maior influência exerceram sobre o mundo moderno". O objetivo de vulgarização está bem nítido: "coleção interessantíssima, coloca ao alcance de todos o essencial de certas grandes obras, cuja leitura integral o homem moderno, em geral por falta de tempo, não poderia fazer". O teor dessa "orelha" foi reformulado na edição de 1975 (São Paulo, Martins/Edusp) e esta última frase foi substituída: "Não é portanto uma coleção para especialistas, **mas obra de divulgação a serviço da cultura geral**" (grifo do texto).

Os "selecionadores" dos textos desta coleção, "autores contemporâneos de renome mundial", garantem a qualidade da publicação. A edição a que nos referimos está datada de 1940 e deve ser sua primeira tradução pois a edição francesa data de 1939: **Les pages immortelles de Montaigne**. Paris, Editions Corréa. Trata-se da tradução portuguesa de José Pérez, mas a editora é paulista: Livraria Martins. Posteriormente, em 1951, O

pensamento vivo de Montaigne recebe tradução brasileira de Sérgio Milliet. É acrescentada uma cronologia detalhada do autor francês e a tradução do Prefácio de Gide recebe duas notas explicativas. A nota de Gide referente aos "leitores da jovem América", no caso a América do Norte, é suprimida por Milliet por não mais se justificar. Do capítulo sobre os canibais a seleção feita inclui um trecho bastante reduzido, agora com o subtítulo: "Depoimentos sobre o Novo Mundo". Como vemos, sendo um dos autores entre os muitos "grandes nomes do passado, Montaigne não é particularmente destacado. Porém no Prefácio, Gide acha que sua obra pode ser de atualidade, afastando em seguida a hipótese que esta viria do ceticismo do autor. Para Gide, a frase que Montaigne tirou dos antigos - "o ser verdadeiro é o princípio de uma grande virtude" - seria aquela que melhor exprimiria o ensinamento dos **Ensaio**s. "Julgo que o fato de ter aceito as inconseqüências e as contradições de seu próprio **eu** constitui uma grande força em Montaigne." Mas, na época em que foi redigido o Prefácio, há a questão do engajamento, ou não, dos intelectuais, questão radical que divide os autores. E Gide não poderia esquecer disso: "O que principalmente Montaigne nos ensina é aquilo a que se deu muito depois o nome de liberalismo. E parece-me que hoje, quando as convicções políticas ou religiosas dividem horripelmente os homens e os jogam uns contra os outros, essa é a mais sábia das lições."

A quarta tradução, bem como a quinta, datam de 1961. A quarta é uma **Seleção dos Ensaio**s de Montaigne, em três volumes, editada no Rio de Janeiro pela José Olympio, de J.M. de Toledo Malta. É curioso observar que o autor da tradução havia falecido em 1951, quando, pelo empenho do prefaciador e seu amigo Leo Vaz, é publicada a obra, coincidentemente no mesmo ano em que a tradução integral, de Sérgio Milliet, é editada em Porto Alegre, pela Globo. Sendo paulistas os dois tradutores, assim como o prefaciador da primeira, por que duas editoras não paulistas, de prestígio, iriam publicar simultaneamente tais traduções? Considerando-se que a política editorial não segue uma linha definida e portanto nem sempre a demanda do público justifica a preferência por esta ou aquela obra a ser traduzida, fica difícil atinar com os reais motivos que levaram a tal fato, embora não seja impossível constatar o interesse que a obra de Mon-

taigne desperta até hoje, suscitando inclusive vários trabalhos críticos. Talvez seja oportuno observar que Leo Vaz, em seu Prefácio, conta que, sabendo que Toledo Malta estava dedicado à tradução de Montaigne, questionou a escolha deste autor por ser "interessantíssimo mas bem pouco popularizável filósofo", o que parece indicar que não havia na época uma demanda efetiva para que se traduzissem os **Ensaaios**.

Mas ele continua elogiando agora o amigo: "E eis aí como o velho Montaigne veio a encontrar, no Brasil, o mais habilitado dos seus tradutores". Embora tivesse posições políticas divergentes daquelas de Sérgio Milliet, Leo Vaz convivia com ele e portanto deveria estar a par do fato dele se ocupar desta tarefa desde 1955, pois há até um comentário num rodapé de jornal. Talvez por isso não tenha conseguido deixar de atenuar o superlativo: "Não que escasseiem escritores competentes, assaz afeitos à literatura e pensamento franceses, para a empresa de verter à nossa língua, de modo escorreito, os **Ensaaios**. Mas dificilmente se encontraria outro em quem se reunissem eventualmente, tantos requisitos intelectuais e circunstanciais que tão bem o qualificassem para a tarefa." O "Para que serve tal tradução?" resume-se ao passatempo erudito de uma pessoa impossibilitada pela doença de exercer suas atividades normais.

O leitor não é informado em que edição se baseou o tradutor para fazer seu trabalho. Tratando-se de uma Seleta, a indicação dos trechos suprimidos não é claramente explicitada. Por vezes há reticências, mas na maioria dos casos não se percebe que haveria ali um trecho a mais. Analisando melhor o capítulo dos canibais, verificamos, por exemplo, que quase todos os trechos que remetem a exemplos dos antigos, tomados como termo de comparação para o que quer demonstrar, são deixados de lado na tradução.

A quinta tradução é a única que apresenta o texto integral, em três volumes, com Prefácio e notas lingüísticas e interpretativas de Sérgio Milliet. Desta vez é indicada com precisão a edição que serviu de base para o trabalho: "texto original estabelecido por Albert Thibaudet para a 'Bibliothèque de la Pléiade', em confronto com o texto anotado pelo General Michaut (Ed. Firmin Didot, Paris, 1907)".

No Prefácio, Milliet justifica a tradução dos **Ensaio**s por sua pertinência: "As idéias (...) continuam de atualidade, principalmente quanto a certos conflitos ideológicos e certas situações político-sociais. Montaigne viveu em uma época de transição como a nossa (...). Sua experiência assemelha-se a nossa". Aponta também as qualidades da língua, "que permanece viva e eficiente apesar da idade". E aqui ele se aproxima do ponto de vista de Gide, que aliás Milliet endossa no começo de seu Prefácio, considerando o trabalho deste como "um dos estudos mais inteligentes que se escreveram sobre Montaigne". E conclui: "São razões bastantes para que nos lembrássemos de pôr ao alcance do público de língua portuguesa esse livro famoso".

Cada volume dos **Ensaio**s é precedido da tradução de estudos sobre Montaigne: volume I - Montaigne - o homem e a obra, de Pierre Moreau; II - Os Ensaio

s de Montaigne, de Pierre Villey; III - Para conhecer o pensamento de Montaigne, de Maurice Weiler. São estudos longos com cerca de 90 páginas cada um, todos traduzidos do francês, que podem talvez dar ao leitor indicações para melhor compreender o texto em questão.

E qual seria o leitor de uma tradução tão cuidada? Fernando Sabino, em sua coluna dominical na Folha de São Paulo "Dito e feito", em 30 de março de 1986, nos fornece o seu testemunho, ao comentar as leituras que fez ao longo da vida. É curioso observar a pressão exercida sobre ele pelas opiniões conceituadas, assim como as dificuldades que revela para acatá-las. Ele aceita a pressão, mas defronta-se com o problema da leitura dos textos no original, no caso de Montaigne: "...quantas tentativas de leitura! (...) Insistia, sabendo que aquele tinha de ser meu autor predileto. Até que um dia me caiu nas mãos a tradução de Sérgio Milliet, e finalmente pude ler Montaigne de cabe a rabo - com um inexcédível prazer, acrescido pela montaigniana constatação de que o que eu não entendia era o francês".

Estranhamente, também em 1986, num seminário promovido pela Funarte "Os sentidos da paixão", com ampla divulgação na imprensa e posterior publicação das conferências em livro, Montaigne vai reaparecer num estudo de Sérgio Cardoso sobre a amizade. De novo um convite por parte de opiniões conceituadas à leitura de textos "clássicos"? Ou apenas um "revival" adaptado

à moda do tempo? Em todo o caso, já existe agora o instrumento de acesso ao texto original.

NOTAS

- ¹ **Primeiras Letras** - Cantos de Anchieta, O diálogo de João de Lery, Trovas indígenas. Rio, Alvaro Pinto Ed., Publicação da Academia Brasileira, 1923, p.247.
- ² São Paulo, Cadernos da hora presente, Separata do nº 6 - janeiro de 1940.
- ³ Rio, Civilização Brasileira, 1978, 2ª edição, p.xxx.
- ⁴ Rio, Civilização Brasileira, 1971, 2ª edição, p.56 e 86.
- ⁵ **Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias**, p.226.
- ⁶ Rio, José Olympio, 1937.
- ⁷ in **A marcha das utopias**, p.214.

